

NÃO CONTEM COM O FIM DO LEITOR ✓

Jennifer da Silva Gramiani CELESTE¹
Juliana Gervason DEFILIPPO²

118

✓ Artigo recebido em 04/08/2018 e aprovado em 20/10/2018.

¹ Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2018). Especialista em Psicopedagogia (Clínica e Institucional) pela Faculdade Metodista Granbery (2018). Bacharela e Licenciada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2016). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2015). Especializanda em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Metodista Granbery. E-mail: <djeceleste@gmail.com>.

² Coordenadora Adjunta do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Pós-Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, sob a supervisão do Prof. Dr. Karl Erik Schollhammer. Doutora em Estudos Literários pela UFJF. E-mail: <julianagervason@cesjf.br>.

NÃO CONTEM COM O FIM DO LEITOR

THIS IS NOT THE END OF THE READER

RESUMO

Em meados dos anos 1990, maneiras distintas de relacionamento foram constituídas a partir da disseminação das novas tecnologias e dos diversos recursos disponibilizados pela Internet e pelos aparatos eletrônicos. Citamos, ainda nesta seara, a construção coletiva e democrática de território virtual expressivo e vasto. Neste artigo, pretendemos apresentar breve panorama a respeito do espaço virtual nas duas últimas décadas, com o primordial intuito de discutir o lugar do leitor e da Literatura em tempos contemporâneos. Partindo do universo dos adolescentes, serão abordadas as profecias sobre a morte da escrita, difundidas no início deste século. Em seguida, serão tomadas como base as recentes discussões acerca da morte do jovem leitor, disseminadas em virtude das constantes inovações tecnológicas. Procuramos propor olhar menos rígido e pessimista a respeito das mídias digitais, nos tornando possível compreender que as transformações dos últimos anos estão modificando a Literatura e criando um jovem leitor ainda mais atuante, crítico e apaixonado pelos livros impressos.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea. Internet. Livro. Leitor.

ABSTRACT

In the middle of the 1990s, different ways of relationship were constituted by the dissemination of new technologies and the various resources made available by the Internet and electronic devices. We still cite the collective and democratic construction of expressive and vast virtual territory. In this article, we intend to present a brief panorama about virtual space in the last two decades, with the main purpose of discussing the place of the reader and of Literature in contemporary times. Starting from the universe of the adolescents, the prophecies on the death of the writing will be approached and, the spread at the beginning of this century. Then, the recent discussions about the death of the young reader, disseminated by virtue of constant technological innovations, will be taken as a basis. We seek to propose something less rigid and pessimistic about digital media, making it possible to understand that the transformations of recent years are changing Literature and creating a young reader who is even more active, critical and passionate about printed books.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature. Internet. Book. Reader.

1 INTRODUÇÃO

Entre muitas reflexões e alguns resultados, um dos levantamentos apresentados pelos pesquisadores da obra **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola** (2005) trouxe à tona o que até então se constituía como mito no espaço da Educação: em virtude da Internet – e suas salas de bate-papo – os adolescentes estavam escrevendo mais do que tinham por hábito fazer nos anos anteriores, conforme pesquisas publicadas até aquela data podiam comprovar. A geração que até então era definida como composta por jovens que não gostavam de escrever ou não sabiam se comunicar, de repente se tornou motivo de estudo por estar utilizando plataformas cuja comunicação só era possível a partir da escrita.

Diferente do que muitos profetizavam ou preconcebiam a respeito do envolvimento dos jovens com as virtualidades – e naquela época as virtualidades a eles acessíveis eram ainda poucas – a Internet estava possibilitando aos adolescentes um espaço de produção muito mais interessante e democrático do que o da sala de aula. No artigo *Por que nickname escreve mais que realname?*, as autoras Juliana Gervason Defilippo e Patrícia Vale da Cunha afirmavam:

[...] enquanto a escola trabalha a escrita dando-lhe um tratamento exaustivo, a Internet por sua vez, por ser uma esfera criativa, não o faz. Os resultados dessa diferença podem ser evidenciados através de enunciados que, ao contrário das orações de redação, são inacabados, mas prenes de significados para o interlocutor que o compreende no todo de uma cadeia (DEFILIPPO; CUNHA, 2005, p. 111).

As estudiosas realizaram uma pesquisa qualitativa acompanhando adolescentes, tanto em sua produção virtual, quanto escolar. A partir desta investigação, puderam perceber um intenso abismo entre a produção realizada por estes adolescentes em sala de aula, quando relacionada aquela por eles produzida no espaço virtual. Na contramão do que o meio educacional ainda ecoava a respeito dos estragos que a Internet gerava nos jovens, tanto as pesquisadoras citadas, quanto os outros autores presentes na obra, puderam comprovar que as novas práticas de escrita e leitura suscitadas pelo surgimento da Internet ofereciam aos adolescentes um universo muito mais otimista do que os apocalípticos da Educação poderiam prever.

A obra citada, apresentando frutos das pesquisas realizadas pelo grupo, comprovou que até aquele momento a Internet não havia assassinado a escrita.

Era evidente, então, que o adolescente, enquanto escrevente³, não estava morto. Mais de uma década depois, a discussão se estende em grupos de pesquisa que se propõem a refletir acerca não apenas deste, mas de outros assuntos relacionados à escrita e à leitura. O presente artigo parte destas reflexões para pensar os novos adolescentes, agora não mais envoltos de pretensa morte da escrita, mas rodeados de vozes que preconizam que a leitura e o leitor enfrentam sérios desafios.

2 A INTERNET NÃO MATOU A ESCRITA...

A Internet não matou a escrita, tal como pronunciado anos atrás. Porém, conforme apontam vários estudiosos da área, tem-na transformado a seu favor e terror, como parte inerente do processo de evolução de uma língua. De modo que aos apocalípticos restou então, adiantar a culpa da Internet, profetizando então que ela mataria a leitura. Cabe aqui retomar a fala da pesquisadora Eliana Yunes: "[...] mas é inegável que a revolução da escrita trouxe uma mudança de paradigmas na relação do homem com o mundo sem, contudo, abolir ou substituir totalmente as práticas preexistentes, como o cinema não matou o livro [...]" (YUNES, 2002, p. 16).

As informações atuais, por sua vez, sustentam ainda mais essa reflexão, refutando, por exemplo, o questionamento feito por Andreia Cecilia Ramal (2002), há mais de dez anos, imbuído de preocupação quanto à prática de leitura por parte de jovens aprendizes em meio à grandiosidade dos computadores, da Internet e de suas facetas: "[...] os papéis estão descartados diante da magia dos monitores e do ambiente digital? [...]" (RAMAL, 2002, p. 147). Adiantamos nossa discussão respondendo negativamente ao questionamento de Ramal, buscando coro na fala de Yunes, pois assim como o cinema não matou a leitura, arriscamos afirmar mais: a Internet está alimentando a leitura. A afirmação é possibilitada em virtude da análise

³ Sobre este conceito, recorreremos ao seguinte fragmento de autoria de Eliana Yunes: "[...] sabendo que ser *leitor* é diverso de ser *lector* – assim como ser **escritor** é diferente de ser *escrevente* –, a questão que se coloca é a de como entender sua formação em nível de estratégias que poderiam ser singularmente plurais [...]" (YUNES, 2002, p. 26, grifos da autora).

do levantamento de dados referente ao contingente de obras literárias impressas produzidas por adolescentes, direcionadas aos seus pares, realizada nos últimos dois anos. Neste período, realizamos mapeamento dos livros impressos publicados por este público para o montante jovem e averiguamos o evidente crescimento no que concerne a este ramo do mercado editorial, movimentado por blogueiros⁴ e *youtubers*⁵.

3 ...E TÃO POUCO MATOU A LEITURA

O levantamento de dados restringiu-se ao período compreendido entre os meses de janeiro de 2008 a dezembro de 2016. No geral, foram recolhidos duzentos e vinte e cinco autores, classificados entre crianças, adolescentes e adultos que, por conseguinte, apresentaram obras pertinentes ao público de faixas etárias semelhantes às suas, contingente este que, primordialmente, é constituído por internautas seguidores dos canais de comunicação dos autores.

Verificamos a existência de um total de cento e quinze autores adolescentes, número que ultrapassa aquele que se refere às crianças e aos adultos escritores. O poder de alcance das produções literárias dos jovens autores é tamanho que ao tomarmos como exemplo e recorte a produção da blogueira e *youtuber* Isabela Freitas, é possível perceber que alguns específicos títulos de sua autoria, tais como **Não se apega, não** e **Não se iluda, não**, ambos publicados pela editora Intrínseca nos anos de 2014 e 2015, respectivamente, estiveram, ininterruptamente, na lista dos livros impressos mais vendidos conforme pesquisa publicada pela Revista Veja⁶.

Acerca das diversas redes sociais que hoje se fazem presentes na grande rede, é importante salientar que os *weblogs*⁷ foram tidos, durante muitos anos, como um dos únicos veículos de comunicação e divulgação via Internet aos quais se tinha

⁴ Nomenclatura vinculada à atuação do produtor de conteúdo na Internet que gerencia uma página ou *website*, além de outras mídias. O termo, a princípio utilizado para o administrador de um *blog*, hoje denomina profissão oriunda do espaço virtual.

⁵ Denominação concedida ao produtor de conteúdo na Internet que gerencia canal no *YouTube*, produzindo vídeos. Assim como o blogueiro, o termo *youtuber* atualmente também designa profissão.

⁶ Reportagem disponível no *link*: <<http://veja.abril.com.br/tveja/arquivo/isabela-freitas-a-conselheira-do-desapego>> Último acesso em 25 ago. 2017.

⁷ Páginas nas quais o usuário pode divulgar textos, notícias e informações diversas. Além disso, é possível responder aos comentários deixados por visitantes.

pleno acesso. Todavia, a hegemonia no que se refere ao uso dos *weblogs* acabara sendo desmistificada, uma vez que o advento das tecnologias e o consequente surgimento de novas alternativas quanto à expressão no ciberespaço proporcionou o acesso e a utilização a / de inusitadas plataformas como, por exemplo, canais do *YouTube*, páginas do *Facebook*⁸, contas do *Instagram*⁹, do *Tumblr*, do *Twitter*¹⁰ e do *Snapchat*¹¹. Têm-se, então, inúmeras possibilidades de produção textual, por parte de seus usuários. Portanto, podemos afirmar, tomando-se como base a discussão em voga, que o processo de escrita não morreu. Ora, o *Facebook* – e os debates nele empreendidos – ou os *blogs* – e a incontável variedade de temas e endereços que surgem semanalmente, são a prova de que qualquer forma de escrita vale a pena. Afinal, há ali um exercício sendo realizado – sem o aval e a nota de um professor – por melhor ou pior que isto possa parecer. Até mesmo o *Twitter* e sua profética anúncio de que cento e quarenta caracteres matariam o texto, com sua longevidade frente à perenidade das mídias digitais, está provando que a escrita concisa sim, sobrevive, e pode vir a se tornar, também, de alguma maneira, Literatura¹².

Sobre o nascimento de eficientes ferramentas por meio das quais se torna possível expressar-se no espaço cibernético, Nicholas Carr, na obra **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros** (2011), diz que a partir da transformação de mensagens antes tidas como íntimas ou detentoras de caráter particular, mensagens estas, em geral, relacionadas às cartas, aos sussurros e aos telefonemas, as inúmeras redes sociais concederam aos indivíduos inusitadas formas de socialização e permanência de contato com os demais. Esta versatilidade inerente ao ambiente virtual é sedutora, como nos afirma Sérgio Roberto Costa, no artigo *Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na internet* (2005): “[...] no tempo e no espaço da rede universal ciberespacial, tudo e todos podem interagir

⁸ Rede social na qual há a possibilidade de se criar uma página de perfil pessoal, adicionar amigos, compartilhar textos, imagens e vídeos, trocar mensagens e integrar grupos de interesse.

⁹ Rede social que permite o compartilhamento de imagens e vídeos.

¹⁰ Rede social na qual os usuários podem divulgar informações com até cento e quarenta caracteres.

¹¹ Rede social na qual os usuários divulgam vídeos ou imagens. Não há histórico e, por esta razão, os conteúdos são automaticamente deletados após passadas vinte e quatro horas.

¹² Basta aqui citarmos como exemplificação as obras de poesia que surgem a partir desta plataforma virtual: o livro intitulado **Seu moço** (Chiado, 2015), escrito por Patrícia Pirota, *youtuber*, reúne alguns de seus textos compartilhados em sua conta de *Twitter*.

com tudo e com todos: com pessoas, com textos, com *sites*, com *home-pages*, com a mídia, etc., em qualquer parte do mundo [...]” (COSTA, 2005, p. 23, grifos do autor).

O mercado editorial brasileiro – sua emergência, seu crescimento e sua diversidade – prova de maneira quase irrefutável que a indústria da leitura do Brasil nunca esteve tão aquecida e diversa. Não há dúvidas: a Literatura atualmente no país é um meio lucrativo – não para os autores que em sua maioria continuam conquistando 10% no valor de capa, mas especialmente para editoras e livrarias.

Um adolescente tem hoje, no mínimo, dez vezes mais opções de livros que qualquer outra geração teve. Este incrível leque de variedades relativo às obras literárias publicadas atualmente e voltadas aos adolescentes pode ser apreciado a partir da verificação da lista nacional de livros mais vendidos, estruturada pelo *website* Publishnews no mês de agosto de 2016: **Só agente sabe o que sente** (Benvirá, 2016), de Frederico Elboni; **Confissões de uma garota excluída, mal amada e (um pouco) dramática** (Arqueiro, 2016), de Thalita Rebouças; **O amor nos tempos de #likes** (Galera Record, 2016), de Pâmela Gonçalves e outros *youtubers*; e os títulos, antes citados, assinados por Isabela Freitas, são apenas alguns dos diversos exemplos.

4 A LEITURA E A INTERNET: CIBERCAMINHOS

Claro que não pretendemos afirmar que todos os jovens estão lendo muito. Todos, aliás, corresponde a um perigoso termo e esse não é um campo que permita generalizações. Ao refletir, porém, a respeito do ato da leitura, estudiosos como Michelè Petit (2012) apontam que a supracitada ação configura-se como de caráter individual, solitário, democrático e transformador. Entretanto, compreendemos que o *YouTube* estendeu essa individualidade para uma coletividade virtual. Adolescentes estão dentro dos seus quartos falando de suas leituras para outros adolescentes. A cultura do quarto é o entorno destes jovens e é por meio deste singelo sistema cultural que estão criando singular rede de conhecimento, compartilhando escrita, leitura e Literatura. Diferente, portanto, das gerações anteriores que faziam do processo de leitura algo isolado, individual e de uma solidão nem sempre desejada,

eles estão transformando o ato de ler em algo além de coletivo e prazeroso, também extremamente partilhado.

Sabemos que a leitura proposta pela escola não se justifica se não exibir um resultado que vai além dela. Porém, o que é possível visualizar ainda atualmente, são professores – em sua maioria – fadados a repetir durante anos um material fixo de apostilas genéricas ou, ainda, programas com listas de livros que devem ser lidos com uma obrigatoriedade ainda rechaçada pelos jovens. Não há, e isso fica evidente quando os relatos dos adolescentes são confrontados¹³, nenhum significado nessas aulas, ademais, não se desenvolve nenhum gosto pelos livros. Na maioria das vezes o que é possível averiguarmos é a forte aversão à leitura. Obviamente, devemos confessar que o impacto é buscado incessantemente por docentes no interior das salas de aula. Todavia, o interesse se encontra em estado de hibernação, já que o que se observa na prática cotidiana são as propostas de trabalhos desligados da realidade dos discentes, como já antes clarificaram as pesquisadoras Defilippo e Cunha.

Sobre estas ocorrências, Ramal (2004) crê que a seleção de textos em ambiente escolar corresponde a um processo que se baseia em critérios que não levam consideração, quase sempre, elementos ligados à arte ou à estética. Segundo a estudiosa, nos anos constituintes do Ensino Médio, no que diz respeito à disciplina de Literatura, sobrepõem-se, em meio ao sujeito aprendiz e ao objeto de saber, grandes barreiras – às vezes, intransponíveis – “[...] ao utilizar-se o texto literário de forma descontextualizada da realidade imediata do aluno [...]” (RAMAL, 2004, p. 36). Carr (2011) desenvolve acerca destas barreiras e, por conseguinte, nos auxilia no que se refere ao seu entendimento: ora, os livros que a tradição literária nos apresentou como inesquecíveis clássicos não nos levam tanto ao encontro de singulares sentimentos como as obras que abraçamos a partir do instinto, da emoção ou da compreensão. Este montante de obras, que nos tocam, trazem à tona peculiaridades únicas.

Porém, devemos considerar a existência de profissionais ímpares pertencentes à área da Educação, para Petit (2012), sendo que estes seriam

¹³ Seja nos dados levantados pelos pesquisadores do livro **Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola** (2005), seja confrontando a geração atual.

capazes, munidos de conhecimentos substanciais, de proporcionar ao seu alunado a relação com livros baseada em outros fundamentos se não aqueles que se referem ao “[...] do dever cultural, a da obrigação austera [...]” (PETIT, 2012, p. 158). Talvez possamos constatar que de fato Defilippo e Cunha (2005) já antecipavam algumas discussões hoje exploradas à exaustão por Petit (2012):

A escola deve voltar seu olhar para esse novo espaço de interação, não com o intuito de considerá-lo o fim das dificuldades para o ensino-aprendizagem da língua materna ou de outros conteúdos curriculares, mas como um auxílio no que tange à descoberta dos interesses de crianças e adolescentes e, ainda, como um indicativo da importância de enfatizar situações que estejam interligadas às realidades vivenciadas pelos sujeitos da aprendizagem (DEFILIPPO & CUNHA, 2005, p. 113).

Paralelo a isto, cresce cada vez mais um ambiente de devoção aos livros e seus escritores. A Bienal Internacional do Livro, na edição do ano de 2015, realizada no Rio de Janeiro, comemorou seus melhores resultados quando se comparada àquelas edições realizadas nos últimos trinta e seis anos. Afinal, foi uma Bienal feita para jovens e estes, de maneira avassaladora, estiveram muito envolvidos no evento, desfilando, orgulhosos com suas sacolas e autógrafos, ao longo dos corredores dos pavilhões.

Em 2016, o evento, agora realizado na cidade de São Paulo, não deixou a desejar, uma vez que, de acordo com reportagem produzida por Rodrigo Casarin para o *blog* Página Cinco, do *website* UOL, os blogueiros e *youtubers* arrastaram multidões de adolescentes rumo à festa literária promovida pelo evento e seus patrocinadores.

São inúmeros os títulos de livros oferecidos ao público, o que nos leva a refletir acerca do processo de produção pelos indivíduos em destaque e o alcance dos produtos literários e seus respectivos conteúdos, que se alternam entre gêneros como autoajuda, crônica, manual, relato autobiográfico, romance ficcional e poesia. A partir de mapeamento confeccionado, restringindo-se ao período de 2008 a 2016, foi possível percebermos que as produções textuais emergidas deste meio trazem à tona temáticas convenientes à fase da adolescência, ditando estilos, preferências e tendências de consumo. Daí, talvez, o sucesso deste fenômeno: a empatia e os vínculos transferenciais estabelecidos entre autor e leitor passam a deter sentidos e

significações várias. Tocante a este específico tópico, a estudiosa Telma Maria Vieira (2009) discorre: “[...] o papel do autor é recriar a realidade em um universo cuja ressignificação só é possível com a presença do leitor. Portanto, a literatura só se concretiza a partir do diálogo do leitor com o texto [...]” (VIEIRA, 2009, p. 42).

A respeito da hegemonia da Literatura canônica na escola e o posicionamento do educando em relação a esta situação, Ramal (2002) afirma:

O aprendiz não se sente valorizado, não consegue perceber o sentido daquilo que deve aprender e, frequentemente, se desinteressa, o que explica, em muitos casos, a evasão escolar, a repetência e a indisciplina. Aí se localiza também a relação com os textos: na escola que derivou dessas visões filosóficas importa, mais do que os sentidos produzidos nas / pelas leituras, o nome e a data de nascimento dos autores, seu estilo prescrito nos manuais, as características teóricas e formais dos períodos literários. Ter cultura, para essa visão, é algo que se relaciona muito mais com o acúmulo de conteúdos e com a memorização do que propriamente com a vivência de experiências e a construção de percursos de leitura e escrita (RAMAL, 2002, p. 54).

Retomando-se a edição da Bienal do Livro realizada em 2015, as reportagens comprovam que esta reuniu mais de duas mil pessoas em um único evento¹⁴. Um dos acontecimentos mais expressivos corresponde ao bate-papo com sessão de autógrafos de Kéfera Buchmann – uma das *youtubers* mais famosas entre os adolescentes brasileiros. A versão de 2016 abriu distribuição de senhas dias antes do evento, preparando os leitores para o lançamento do segundo livro da *youtuber*.

Mas as versões anteriores da Bienal, tanto do Rio de Janeiro, quanto de São Paulo, também conheceram este mesmo fenômeno com outras jovens celebridades: Bruna Vieira e Isabela Freitas, por exemplo, são autoras consagradas pelo público – sobretudo o feminino – e integram as listas de mais vendidos há mais tempo do que muitos autores contemporâneos já lograram desfrutar. O espaço conquistado por essas jovens escritoras não dependeu – apenas – do *marketing* de suas editoras – até mesmo porque seu sucesso é anterior ao formato do livro, uma vez que as obras por elas publicadas são resultado deste sucesso. A venda de seus livros alcança números grandiosos. O livro de Kéfera teve tiragem esgotada durante os primeiros dias do evento carioca no ano de 2015, e em menos de quinze dias já havia

¹⁴Reportagem disponível no *link*: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/jovens-lotam-bienal-do-livro-no-rio-para-ver-youtuber-kefera-buchmann.html>> Último acesso em 7 de set. 2017.

alcançado a marca de trinta mil exemplares vendidos. Seu segundo livro, lançado na primeira semana do evento em São Paulo, já havia vendido mais de dez mil exemplares¹⁵. Seu terceiro livro, agora enveredando para o gênero do romance, foi lançado na edição da Bienal do Livro de 2017 e, desde então, tem viajado todo o país para realizar o lançamento.

Basta dizer que estes dados não se restringem aos jovens. Autores de várias idades e nacionalidades estão construindo impérios a partir da Literatura. A escritora inglesa J. K. Rowling talvez seja uma das pioneiras, dentro da perspectiva que aqui exploramos, seguida de nomes como John Green, Nicholas Sparks, Sophie Kinsella, Meg Cabot, Marian Keyes, ou brasileiras, como Thalita Rebouças e Paula Pimenta, para citar apenas algumas. Contrariando todas as profecias do início deste novo milênio, os jovens estão lendo, e lendo muito. São eles que alimentam o mercado editorial brasileiro e eventos literários como a Bienal do Livro que, antes idealizados para o público leitor no geral, hoje são organizados e projetados para receber e agradar este público específico. Só no ano de 2015, o evento ofereceu dois espaços especialmente voltados apenas para os indivíduos desta faixa etária.

Dentre as novidades implementadas no evento de 2016, afirma a repórter Maria Fernanda Rodrigues (2016), podemos mencionar “[...] corredores mais largos, praça de alimentação maior, pontos com tomada, distribuição de senhas pela internet para sessões de autógrafos e presença da Polícia Civil [...]” (RODRIGUES, 2016)¹⁶. Conforme dito antes, a edição de 2015, segundo dados veiculados por organizadores do evento, atingiu público recorde nestes trinta e seis anos de feira – seiscentos e setenta e seis mil visitantes – e consolidou-se, agora de maneira oficial, como um evento voltado para o público adolescente¹⁷. Já a edição do ano de 2017 ganhou destaque na mídia, apresentando manchetes diversas, tais como **Bienal do Livro bate recorde de público com *youtubers* entre as principais atrações**¹⁸.

¹⁵ Dados disponíveis no *link*: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2016/09/02/kefera-esta-de-volta.-e-agora>> Último acesso em 7 de set. 2017.

¹⁶ Reportagem disponível no *link*:

<<http://revistapegn.globo.com/estadao/noticia/2016/08/bienal-do-livro-abre-hoje-em-sp-com-youtubers-como-destaque.html>> Último acesso em 7 de set. 2017.

¹⁷ Reportagem disponível no *link*: <<http://globoplay.globo.com/4455/>> Último acesso em 18 ago. 2017.

¹⁸ Reportagem disponível no *link*: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/bienal-do-livro-bate-recorde-de-publico-com-youtubers-as-principais-atracoes.html>> Último acesso em 31 de set. 2017.

Devemos nos lembrar de que dez anos atrás os jovens, em sua maioria, tinham suas visitas intermediadas pelas escolas, nas malfadadas excursões em que seguiam arrastados entre os corredores e seus expositores. Hoje, seguem sozinhos ou – o mais comum – marcam encontros com outros jovens, encontros esses mediados, sobretudo pelas redes sociais. Este movimento das mídias em que interação teve destaque até mesmo nos programas de televisão, como o Jornal Nacional, no ano de 2015 – veiculado pela Rede Globo. Uma das reportagens apresentadas pela emissora recebeu a seguinte chamada: **A maioria deles descobriu na Internet, na Internet, que ler é bom demais**¹⁹. O repórter frisou o termo Internet, consolidando seu histórico de preconceito e as profetizações quanto à morte da Literatura, do livro e do leitor²⁰.

Cabe-nos, a partir das informações aqui levantadas, refletir a respeito de um conceito que diz que a Literatura só se concretiza a partir do diálogo do leitor com o texto. Há o evidente redirecionamento desta visão – reducionista – nos dias de hoje. Pensemos: o diálogo que os jovens estão estabelecendo em seus vídeos no *YouTube* não seria uma forma moderna de concretização da leitura, por exemplo? Este diálogo não estaria respondendo a uma quase quimera de Yunes, no artigo Ensaio para pensar a leitura (2013). A saber: “[...] imagine o efeito qualitativo de uma escola em que todos estão engajados em um programa de leitura que envolva diferentes linguagens e suportes, com aportes diversos das áreas de conhecimento. Poesia não se mistura com física, nem história com literatura? [...]” (YUNES, 2013, p. 9).

Há um movimento acontecendo no espaço virtual que não pode ser ignorado pelo meio acadêmico. Isto, pois conforme concebemos, está levando a Literatura ao adolescente e o adolescente à Literatura – ainda que passível de transformações.

Refletindo acerca das teorias do texto, do livro e da leitura, é possível nos recordarmos daqueles que acreditavam ser o leitor um ser passivo, dotado de ingenuidade, responsável apenas pelo estado de contemplação em que se coloca

¹⁹Reportagem disponível no *link*: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/bienal-do-livro-atrai-legiao-de-fas-exigentes-e-cheios-de-atitude.html>> Último acesso em 29 ago. 2017.

²⁰Cabe destacarmos que no decorrer do processo de feitura deste artigo ocorrera a Bienal do Livro em São Paulo. Após ter acontecido o evento, fora possível percebermos que os números se comparam àqueles referentes à versão do ano anterior, ultrapassando-os.

diante da obra. Sabemos que teóricos vários colocaram por terra tais definições. Mas está na hora de pensarmos neste novo leitor que surge no meio virtual e tanto interfere no real. As editoras foram mais rápidas que a escola e estão seguindo com atenção os movimentos desses leitores. Estão pedindo opinião sobre tudo – é evidente que sabemos ser este interesse voltado para o mercado, sobretudo o lucro – mas ao menos não estão encarando mais o leitor com a passividade que lhe era devida. Grandes e clássicas editoras criaram selos próprios para o público jovem: Gutenberg e Nemo pertencem à editora Autêntica; Paralela, à Companhia das Letras; Novas Páginas, à Novo Conceito; e Galera, à Record. Os supracitados selos contemplam, ainda que de maneiras distintas, obras cujas temáticas permeiam ficção contemporânea, literatura feminina, relatos autobiográficos e memórias. Outras editoras investiram nas coleções clássicas para satisfazer o público cativo e de idade variada. E este público tem voz e circulação dentro das editoras. Vale dizer que as editoras estão, por exemplo, contratando *youtubers* que dominam outros idiomas para ler e avaliar originais estrangeiros opinando a respeito da viabilidade ou não da publicação dos livros – muitos deles sequer formados na área. Em suas mídias sociais, as editoras compartilham as resenhas de blogueiros em detrimento das críticas especializadas e pagas que antes tanto e exclusivamente vigoravam no campo literário.

Assim como Yunes (2005), Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, em **Não contem com o fim do livro** (2010), afirmam que o cinema, o rádio e a própria televisão não tiraram nada do livro, nada que lhe tenha causado dano. Hoje, anos após esta publicação, arriscamos dizer mais: o cinema, o rádio e a televisão estão fornecendo muito aos livros, sobretudo aos seus leitores. O fenômeno **Jogos vorazes** (2010), para não cair no óbvio de citar a célebre série **Harry Potter** (2000), permite que este leitor circule entre as artes – Literatura e cinema, por exemplo – apropriando-se do que ambas possuem de melhor e oferecendo a cada uma delas aquilo que lhes falta. Os leitores destes livros já existiam e eram muitos, e foi a paixão pelas séries que fez com que as mesmas fossem levadas aos cinemas. E a adaptação não os tirou das livrarias, ao contrário, fez com que mais leitores buscassem as obras e transformou os livros em fenômenos editoriais que, para

mencionar apenas um de seus méritos, trouxe a distopia e a fantasia para o linguajar dos adolescentes e para a lista de gêneros que consomem.

Ao lado das vendas de **Jogos vorazes** (2010), por exemplo, vimos crescer também a procura – e as reedições – de célebres e clássicas obras contemporâneas, como **Fahrenheit 451** (2013) e **A revolução dos bichos** (2007). Isto, para fazer referência apenas ao campo das distopias e da ficção. Mas mesmo a poesia, ainda gênero isolado da Literatura e pouco cultuado pelo grande público e pelas editoras, tem conquistado um lugar ao sol neste *boom* que a Literatura está sofrendo. Basta ver, por exemplo, as reedições de Paulo Leminski e Ana Cristina Cesar, lançadas pela Companhia das Letras. As obras se esgotaram nas livrarias e, em 2016, ganharam novas publicações no selo Companhia de Bolso, pertencente à editora.

A respeito da Literatura e de sua relação com o leitor, Michèle Petit traz um compilado de definições relevantes em **Os jovens e a leitura** (2012):

Nas cidades, como também no campo, nem sempre se tem alguém com quem dividir as tristezas, as angústias, as esperanças; podem faltar palavras para expressá-las e o pudor pode amordaçar a pessoa. Então, quando estamos na companhia de um livro, às vezes percebemos, para falar como o poeta belga Norge, que “felizmente somos muitos a estarmos sós no mundo”. E na literatura, em particular, encontramos palavras de homens e mulheres que permitem dizer o que temos de mais íntimo, que fazem aparecer, à luz do dia, aquele ou aquela que não sabíamos que éramos. Palavras, imagens, nas quais encontramos um lugar, que nos acolhem e que desenham nossos contornos. Palavras que fazem pensar, como dizia Breton em **O amor louco**: “é realmente como se eu estivesse perdido e alguém viesse, repentinamente, me dar notícias de mim mesmo” (PETIT, 2012, p. 74, grifo da autora).

Que a Literatura possibilita todo este movimento não resta dúvida. Todavia, cremos que hoje – com a utilização de espaços como *blog* e *YouTube* – é possível agregarmos a estas definições ponto muito singular: a solidão agora é compartilhada virtualmente. É necessário, ainda, manter o caráter da solidão, porque os jovens continuam dentro de casa, falando “sozinhos” no momento em que produzem seus conteúdos. Contudo, seguido a isto, tal solidão se emancipa e passam a dialogar com outros leitores, tanto dentro quanto fora da Internet. A título de curiosidade, o diálogo que estabelecem tornou-se tão intenso que foi notícia também no *Jornal Nacional* – e outros meios – na época da Bienal do Livro do Rio de Janeiro, no ano

de 2015. Trata-se do encontro de *booktubers* e seus seguidores que reuniu centenas de jovens, tanto os produtores de conteúdo, quanto os espectadores silenciosos.

Esbarramos, então, em um conceito muito caro: o das trocas, das partilhas. Se antes o leitor tinha apenas o seu entorno – e quando muito – para compartilhar suas leituras, hoje ele tem quantos queira ou muitos mais. Basta criar um *website* ou abrir um canal no *YouTube*. Ou menos, caso não queira se expor, basta entrar nas comunidades dos seguidores dos *booktubers* e criar laços com outros leitores com os quais trocará mensagens via *Facebook* e *Snapchat*, por exemplo. Basta, enfim, fazer parte de um clube de leitura – das centenas que existem, virtuais ou presenciais, no Brasil²¹.

O espaço de intercâmbio migrou das silenciosas e frias salas de biblioteca, das clandestinas anotações feitas nas bordas das páginas dos livros emprestados, dos olhares trocados com os poucos que se reconhecia nas livrarias, da meia dúzia de amigos que por acaso estava lendo o mesmo livro, para uma rede infinita de interlocutores que compartilham gosto, opinião e amor aos livros. Afinal, como colocado por Patte (2012), as redes sociais, elaboradas a partir do surgimento da Internet, configuram-se como positivas ferramentas para incentivar o compartilhamento de experiências, encorajando vivências de amizade e solidariedade.

Ainda sobre o advento da Internet, Patte (2012) se posiciona:

[...] Ao encorajar cada um a seguir o próprio caminho, ela favorece a emergência das identidades, em sua singularidade. Oferece um espaço onde a expressão das diferenças é possível, desejável e encorajada. É um lugar onde se pode aprender a construir relações com o outro. Ela privilegia tudo que liga e religa por meio da acolhida, dos encontros, do “estar junto”, não para se diluir, mas para tentar compreender-se (PATTE, 2012, p. 330, grifo da autora).

Eis, então agora, uma outra afirmação relevante: a Internet não matou a escrita; a Internet não matou o livro; a Internet não matou o leitor. Talvez a Literatura fique devendo muito para a era digital. A propósito, no livro **Como viver na era digital** (2012), de Tom Chatfield, há uma afirmação na qual o autor esclarece que

²¹ Este fenômeno, por si, constitui-se merecedor de estudos à parte.

“[...] se quisermos conviver com a tecnologia da melhor forma possível, precisamos reconhecer que o que importa [...] não são os dispositivos que utilizamos, mas as experiências humanas que eles são capazes de criar [...]” (CHATFIELD, 2012, p. 27). A geração que hoje explora a era digital está conseguindo utilizar de forma sábia e criativa dos dispositivos tecnológicos e através deles tem mantido a Literatura viva e pulsante, renovando-se diariamente. Citando o pesquisador Roger Chartier (1999), a revolução do livro eletrônico contempla as estruturas do suporte material, bem como nas maneiras de ler. O texto vive uma pluralidade de existências, sendo a eletrônica uma apenas.

E esta pluralidade de existências permite, em movimento concomitante, também, a existência de plurais leitores e leituras.

5 CONSIDERAÇÕES APOCALÍPTICAS, INTEGRADAS E FINAIS

Não foi apenas o suporte – impresso ou eletrônico – ou o espaço – escolar ou virtual – que mudou ou mudaram. É possível notar, de maneira significativa – que os mediadores da leitura hoje são outros. Se antes professores, bibliotecários, escritores ou psicólogos eram aqueles que incentivavam ou levavam os leitores às obras, hoje os mediadores são outros jovens, munidos de uma página na Internet ou um canal no *YouTube*. E seu papel vai além do da simples mediação, ocupando agora local duplo dentro da Literatura: fazem parte da crítica não especializada.

Ao professor cabe um desafio talvez maior do que o de anos atrás, já que não é mais necessário apenas incentivar essa geração a ler – isso já está acontecendo, conforme os breves dados aqui levantados. Resta ao docente o papel que lhe foi exigido com menos rigor, uma vez que era difícil exercê-lo quando eram poucos os alunos leitores: fazer com que compreendam o que estão lendo e desenvolvam, a partir deste processo, visão crítica e analítica. Afinal, a louvação que aqui se estabelece a respeito do crescimento da leitura no Brasil não garante que esta Literatura seja necessariamente elogiada: se nossos jovens estão lendo boa Literatura corresponde, certamente, a uma espécie de discussão postergada, já que não queremos aqui estabelecer, no presente estudo, critérios que definam ou

discutam o que é alta Literatura, ou que, ainda, legitimem ou não a Literatura produzida na atualidade.

O título deste artigo é, talvez, mais otimista do que a prática permite. Isto, é verdade. A política cultural hoje desenvolvida no país – e as outras que se arrastaram durante os outros anos – não beneficia a difusão da leitura e depara-se com uma série de impasses que vão muito além da boa vontade do professor, por exemplo. Logo, ao se discutir as relações entre leitura, escola e sociedade no Brasil, há que se tomar cuidado significativo, tanto para não sermos apocalípticos, quanto para não nos agarrarmos a um entusiasmo vazio que só é capaz de olhar para um único ponto e esquecer que há também uma parcela significativa de jovens no país que se inserem nos lamentáveis números que alimentam os dados sobre o analfabetismo funcional, por exemplo, além da inacessibilidade ao ciberespaço e suas tantas oportunidades.

Se ser acolhido pela Literatura já era mágico e especial, essa geração de adolescentes leitores vive uma experiência ímpar neste processo: ao dividir suas leituras na Internet, encontra outros leitores com os quais pode estabelecer diálogos livres e apaixonados atrelados aos livros que consome. Diálogos estes que não são intermediados por um ambiente escolar, não são avaliados por um professor e tão pouco são censurados por mediadores outros que não validam suas escolhas. Se a leitura contribui para a descoberta ou para a construção da identidade, poder falar sobre essas leituras para outros permite uma construção coletiva mediada pela relação com outros iguais que torna este processo mais concebível e palatável.

A possibilidade de leitura compartilhada que a Internet oferece intensificaria ainda mais esta relação. E a biblioteca, antes único espaço possível para as trocas e partilhas, estende-se agora para o meio virtual, onde os iguais se encontram, conversam sobre o que estão lendo, sobre o que leram, sobre o que querem ler e em especial, trocam sugestões. Entretanto, se antes todos os jovens estavam destinados à definição de não leitores, ao menos há uma parcela que está derrubando as barreiras das outras gerações e falando de livros e Literatura com muito mais entusiasmo e amor do que, infelizmente, alguns professores com os quais esbarramos em nossas carreiras escolares. Paralelo a este forte aquecimento do mercado editorial em que as publicações deste gênero lançam escritores de

forma veloz, surgem discursos extremamente críticos a respeito do conteúdo e da qualidade deste material. Notamos, sobretudo nas colunas de jornais e em artigos publicados em revistas fora da academia, a redução deste movimento ao que chamam de fenômeno das massas e, ainda, como uma moda que será tão passageira como foi a dos livros para colorir²². A este respeito, citamos Eco (2015):

O universo das comunicações de massa é – reconhecamo-lo ou não – o nosso universo: e se quisermos falar de valores, as condições objetivas das comunicações são aquelas fornecidas pela existência dos jornais, do rádio, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visual e auditiva (ECO, 2015, p. 15).

Ao comentário de Eco (2015), adicionamos agora também a Internet. Sabemos que a primeira característica do produto de massa, conforme ainda afirma o estudioso, é a efemeridade, e compreendemos que este fenômeno, ou esta moda, necessita de atento e cuidadoso olhar para dele retirar os apontamentos apocalípticos e, sobretudo, os apontamentos integrados. Umberto Eco, ainda em sua obra **Apocalípticos e integrados** (2015), a respeito das rejeições que sofreram a televisão e o rádio, cita um crítico que – incomodado com Beethoven sendo veiculado no rádio, em detrimento dos concertos – afirma: “[...] o homem que assobia Beethoven porque o ouviu pelo rádio já é um homem que, embora ao simples nível da melodia, se aproximou de Beethoven [...]” (ECO, 2015, p. 45). Parafraseando o autor a partir do que este artigo pretende discutir e contra todas as profecias que prometiam a morte do livro e da leitura, sobretudo nas mãos da geração que nasceu e cresceu no espaço virtual, podemos conjecturar que estes jovens que celebram os livros impressos de seus ídolos virtuais aproximaram-se deste objeto com mais afeto que as gerações precedentes.

A escrita não morreu. O livro não morreu. E o leitor, definitivamente, está mais vivo do que jamais esteve. Resta-nos agora pensar sobre a Literatura. E como profissionais, estudantes e escritores que somos, a sua maneira e a sua medida, resta compreender a relevância de seu papel e a importância de ter, se não um olhar otimista demais, uma abertura menos elitista, agressiva ou preconceituosa a estes

²²Sobre este mote de discussão, sugerimos a realização de leitura da seguinte reportagem: <<http://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2016/08/26/bienal-do-livro-de-sp-comeca-hoje-e-consolidou-youtubers-como-a-moda-da-vez>> Último acesso em 31 ago. 2017.

livros que não são cânones – ainda – e a estes leitores que podem não estar lendo Machado de Assis, mas leem outros livros de maneira tão alegre e realizada quanto as gerações anteriores quando validavam aquilo que a academia define como Literatura. Cabe-nos, enfim, dar as mãos a estes jovens e a estes livros para que professores e alunos possam juntos atravessar a contemporaneidade e toda a sua liquidez. Entretanto, mesmo diante das inúmeras incertezas que tanto nos assolam na atual conjuntura na qual nos encontramos inseridos, em algo devemos crer, assim como nos coloca Pierre Lévy (2010): “[...] nenhuma reflexão séria sobre o devir da cultura contemporânea pode ignorar a enorme incidência das mídias eletrônicas e da informática [...]” (2010, p. 17).

E, desta maneira, tomando-se por base tamanha influência e relevância que as ferramentas eletrônicas e virtuais detêm e o fato de que não possuímos controle acerca da atmosfera que virá a nos envolver, talvez futuramente, finalizamos, recorrendo ainda e novamente aos apontamentos teóricos de autoria de Lévy (2010):

[...] Não podemos *deduzir* o próximo estado da cultura nem as novas produções do pensamento coletivo a partir das novas possibilidades oferecidas pelas técnicas de comunicação de suporte informático. [...] Pois é ao redobrar equipamentos coletivos da percepção, do pensamento e da comunicação que se organiza em grande parte a vida da cidade no cotidiano e que se agenciam as subjetividades dos grupos (LÉVY, 2010, p. 188, grifo do autor).

Os leitores adolescentes, tal como se caracterizam neste momento da produção e do consumo de livros no país, estão não apenas consumindo ou lendo a Literatura atual, mas especialmente escrevendo esta Literatura. Trata-se de fenômeno que não pode ser ignorado e cuja reflexão auxiliará a melhor tangenciar o espaço do ensino da Literatura, assim como os estudos literários.

Para Eco (2010), o *e-book* não matará o livro, segundo os jovens leitores brasileiros da atualidade, tão pouco matará o leitor. A Internet e as tecnologias estão, a seu modo, ressignificando o papel do leitor e da Literatura e, ao que parece, bem distante do que os apocalípticos poderiam profetizar.

REFERÊNCIAS

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2013.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASARIN, Rodrigo. **Bienal do Livro de São Paulo começa hoje e consolida youtubers como a moda da vez**. Disponível em <<http://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2016/08/26/bienal-do-livro-de-sp-comeca-hoje-e-consolida-youtubers-como-a-moda-da-vez/>>. Último acesso em 29 de ago. de 2016.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

CHATFIELD, Tom. **Como viver na era digital**. São Paulo: Objetiva, 2012.

COLLINS, Suzanne. **Jogos vorazes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

COSTA, Sérgio Roberto. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DEFILIPPO, Juliana Gervason; CUNHA, Patrícia Vale da. Por que nickname escreve mais que realname? Uma reflexão sobre gêneros do discurso. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ELBONI, Frederico. **Só agente sabe o que sente**. São Paulo: Benvirá, 2016.

FREITAS, Isabela. **Não se apegue, não**. São Paulo: Intrínseca, 2014.

_____. **Não se iluda, não**. São Paulo: Intrínseca, 2015.

GONÇALVES, Pamela et al. **O amor nos tempos de #likes**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2010.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: novas perspectivas**. Porto Alegre: Editora 34, 2012.

PIROTA, Patrícia. **Seu moço**. Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde: Chiado, 2014.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REBOUÇAS, Thalita. **Confissões de uma garota excluída, mal amada e (um pouco) dramática**. São Paulo: Arqueiro, 2016.

RODRIGUES, Maria Fernanda. **Com youtubers como destaque, Bienal do Livro 2016 espera receber 700 mil pessoas**. Disponível em <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,com-youtubers-como-destaque-bienal-do-livro-2016-espera-receber-700-mil-pessoas,10000072053>> Acesso em 29 ago. 2016.

ROWLING, J. K. **Harry Potter**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

VIEIRA, Telma Maria. Literatura: o leitor na modernidade. In: WITTER, Geraldina Porto (org.). **Literatura na formação de leitores**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

YUNES, Eliana. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: _____. (org.). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

_____. Um ensaio para pensar a leitura. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 14. n. 23. p. 5-18, jan./jul. 2013.